

VILA DO CANO, JULHO DE 2035

Joana Bértholo

De todo o lado chegam multidões em romaria, seduzidas pela boa fama das águas milagrosas e dos furos falantes. Quanto mais a seca ameaça o resto do país, mais cresce a popularidade da Vila de Cano, e o insólito da sua abundância hídrica. À superfície, nada a diferencia da desoladora aridez do restante centro e sul de Portugal continental. Também aqui a água potável é racionada, e cada canense tem apenas direito a um banho por semana.

No entanto, desde que as autoridades competentes confirmaram a existência de um lençol de água subterrâneo, e rumores se propagam acerca das propriedades dessa água, que começaram as romarias.

Nada disto é novo: é centenária a fama dos afloramentos de água de Cano. A vila situa-se por cima do Sistema Aquífero de Estremoz-Cano, feito de rochas porosas e permeáveis que retêm a preciosa água. Em lugares similares, chegam a encontrar-se rios subterrâneos de vários quilómetros, muitos de águas puras e cristalinas. Os exploradores buscam incessantemente um caudal mais profundo, dado que os superficiais estão hoje contaminados por décadas de agricultura intensiva, por altos níveis de azoto amoniacal e nitratos que os tornam interditos ao consumo humano. Portugal continental possui sessenta e dois sistemas aquíferos e o de Cano tornou-se agora num último reduto, uma fagulha de esperança no lodo geral.

Lendárias são também as propriedades mágicas das águas locais: curas, desmanches, males de amor, e também o dom da invisibilidade (por isso nem sempre se avistam as multidões em romaria). Às mandingas ancestrais unem-se agora outras de pendor contemporâneo: diz-se que a água de Cano atrai seguidores de Instagram, desbloqueia filas de trânsito, evita enjoo de avião; e que somente duas pinguinhas sobre a impressora faz com que os tinteiros durem o dobro. Impede a absorção de glúten e activa o colagénio.

É bom para a pele, mas ainda melhor para os pixéis. Os estudiosos chegam de

todas as latitudes para a estudar: convenções e congressos internacionais de hidrologia, hidrogeologia, de engenharia hidráulica e até de inteligência artificial (que hoje em dia se mete em tudo). Estudam-se as grutas e os recessos, mas também as crendices e os contares. Ainda ninguém avançou com uma boa explicação para as vozes que se ouvem, vindas de poços e furos. Só temos dados provenientes da tradição oral; das lendas e dizeres locais: cascatas que falam, afloramentos comunicativos, vozes que ascendem do subsolo, furos de água com vontade de conversar, brados que ecoam no vazio. Uma das narrativas mais conhecida é a do Conde das Romeiras, porque dos poços desta Herdade surgiam outrora gritos furiosos que apavoravam toda a população: «Parem!», «A água é minha!», «O que pensam que estão a fazer?!», «Seus néscios!» (seria um fantasma com bom vocabulário). Digo fantasma porque a explicação mais lógica que o povo de antanho encontrou para as vozes, era a de pertencerem ao Conde das Romeiras, o dono da herdade, na altura dos eventos, já falecido. Os moradores viviam apavorados, as vozes eram guturais, de fazer gelar o sangue ao mais bem preparado transeunte. A história ganhou tracção, mas a voz calou-se durante mais de um século. Retornou agora, nos nossos dias, com força redobrada. Quem quer que se aproxime ouve um ronco vertiginoso que repete a quem quiser ouvir «Parem — seus infames! Seus loucos! Seus despropositados! A água é minha. Deixem-na em paz! É minha!»

Há quem diga — entendidos, especialistas e influencers —, em múltiplos convénios e concílios em que se discute o tema, que será a própria voz da Terra.